

- 5 MAR 1987

JORNAL DO BRASIL

ANC p 9

Opini

Constituinte racha ao meio

Villas-Bôas Corrêa

O Presidente José Sarney deve ter aproveitado o descanso do carnaval para, além das preocupações prioritárias e absorventes sobre os próximos lances da renegociação da dívida externa a partir da decisão atrevida da suspensão dos pagamentos dos juros, dedicar alguns momentos à avaliação das dificuldades que vêm por aí com a rebeldia estouvada da Constituinte e a desagregação inevitável e, sob certos aspectos, benfazeja, da Aliança Democrática.

Ora, tentar salvar o que não tem jeito não parece representar uma atitude sensata e realística. Certamente que Sarney não pode mandar rezar missa de 7º dia pela finada aliança, antes que oficialmente seja registrado seu atestado de óbito e ela teime em prolongar a agonia penosa por entre os tranSES e chiliques de moribunda teimosa.

Mas, o primeiro gesto coerente e esperto adotado a partir do reconhecimento de que o PMDB e o PFL não são mais os aliados ocasionais da transição mas adversários que se detestam e hostilizam, partiu do presidente Sarney ao criar a figura de líder do Governo na Constituinte, sob o disfarce da alcunha de líder na Câmara e incumbir o deputado Carlos Sant'Anna de articular um bloco de apoio e sustentação ao Presidente e subsidiariamente ao seu governo, arrebanhando fidelidades onde quer que elas se amoitam. Sarney não pode mais confiar na fidelidade do PMDB como uma legenda consistente e sabe que os humores do Dr Ulysses variam com as oscilações das suas conveniências de candidato à sua sucessão e de insaciável acumulador de cargos e crachás.

Cabe agora ao presidente Sarney aprofundar a sua clarividente opção indo às últimas. E simplesmente reverenciando a realidade para reconhecer que a

Constituinte não vai funcionar girando nas dobradiças enferrujadas dos partidos, mas na divisão de dois blocos que ocupem as posições clássicas de todos os plenários para compor o contraditório.

O tendepá armado entre o PMDB e o PFL em torno do regimento comum de Constituinte antecipou, na urgência com que se arruma o plenário, o racha que poderia ser previsto com matemática certeza.

Mas, nem o PFL passará recibo da sua insanável incompatibilidade com o PMDB nem a legenda dos 22 governadores pode por muito tempo dissimular as profundas rachaduras nas suas paredes caídas pela grande vitória eleitoral de 15 de novembro.

A Constituinte está deslizando celeremente para engolir as legendas de circunstâncias no torvelinho que mistura as águas para que fique mais clara a visão das margens. Do lado de lá e do lado de cá.

Dos partidos que aí estão, na inflação de um quadro emburutado pelo casuísmo, poucos, muito poucos podem aspirar à sobrevivência. Nenhum sem submeter-se a profundas alterações.

O PMDB ficou grande demais para não quebrar. A evidência ensina que o PMDB juntou, nos ocassos de um instante consensual que já está sendo desfeito, pelo menos dois partidos. Um de apoio ao Governo pelos impulsos de sua vocação conservadora e dos interesses regionais; outro que se identifica com as ruas e não suporta um minuto de pressão popular. Cada um terá que seguir o seu destino até mesmo para que o mapa partidário recupere o seu perfil tradicional.

O PFL continua engasgado pelo equívoco da sua origem que, afinal, o que justificou a fundação do partido. O lugar que competia ao PFL era o que o PDS deixou vazio quando começou a se dissolver no apodrecimento do ciclo revolucio-

nário: o de uma legenda centrista, conservadora, mas de oposição. Mas, para calafetar a transição, a dissidência do PDS saltou o muro a apoiou com os seus votos no Colégio Eleitoral a candidatura de Tancredo Neves. Ali se consumou a fórmula da transição negociada, consentida. A custa de algumas deformações, inclusive do modelo partidário.

O que o PFL não pode suportar por mais tempo é a falsidade artificial da sua convivência com os parceiros insuportáveis do PMDB.

Como a Constituinte passará por cima das legendas, o lugar do PFL é no bloco conservador, governista por enquanto e que, à medida que os grandes temas forem impondo a definição dos parlamentares, irá juntando no mesmo saco, ou no mesmo lado do plenário, oriundos de muitas siglas mas identificados por posições moderadas. O PMDB oficial e solene, governista, ligado aos governadores, com insaciável apetite empreguista, dará o tom, a nota marcante do agrupamento conservador.

Mas o que realmente mais se parece com a imagem idealizada do PMDB se encaminhará, inexoravelmente, para o outro canto do plenário, misturando-se com aliados ideológicos que exibirão muitas siglas assemelhadas e uma mesma e irreprimível disposição contestatária.

Apenas a Constituinte não funcionará sempre, em todas as questões, com bancadas fixas. Cada assunto, cada tema imporá uma redistribuição do plenário, dependendo da intensidade do apelo radicalizante ou de sua coloração regional, de reivindicações da sociedade em seus múltiplos segmentos.

A reformulação partidária passará, obrigatoriamente, pela polarização natural imposta pela veemência e paixão dos debates e decisões da Constituinte. O Governo que se cuida para conservar a sua bancada e, como é de clara conveniência, majoritária.